

LÚCIA MARIA DE SOUSA SPINOLA

**A TERCEIRA MARGEM DO RIO: ASPECTOS
LITERÁRIOS E ESTRUTURAIS DA OBRA DE JOÃO
GUIMARÃES ROSA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUIS
NÚCLEO DE APOIO: SANTA CRUZ
JABOTICABAL - SP
2010**

LÚCIA MARIA DE SOUSA SPINOLA

**A TERCEIRA MARGEM DO RIO: ASPECTOS
LITERÁRIOS E ESTRUTURAIS DA OBRA DE JOÃO
GUIMARÃES ROSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação São Luis como exigência parcial
para conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*
em Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de
Texto.

Orientadora: Prof^a. Rafaella Berto Pucca

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUIS
NÚCLEO DE APOIO: SANTA CRUZ
JABOTICABAL - SP
2010**

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo sentido da vida.

Ao meu marido Francisco Miguel Câmara Spinola, pela ajuda e companheirismo, por compartilhar de forma tão completa no meu desenvolvimento profissional.

Aos meus irmãos: Célia Maria de Sousa e Paulo Sergio Araújo de Sousa;
E, em especial, à minha mãe, já falecida, Maria Senhora Araújo de Sousa.

“O Rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo” (ROSA, 2001, p 450).

RESUMO

O trabalho tem por objetivo a análise da vida e da obra do escritor João Guimarães Rosa, tomando como referência o conto “A Terceira Margem do Rio”, de 1962. O tema foi escolhido a partir das leituras da obra de Guimarães Rosa e das críticas literárias que estudaram e buscaram aprofundar as diversas facetas do escritor e de seus textos. O autor de “Primeiras Estórias” (2001) ambientou a grande maioria de suas narrativas no sertão de Minas Gerais, divisa com a Bahia e Goiás, local que reproduziu com fidelidade e riqueza de detalhes, mas jamais se esqueceu, ao dar voz àquela gente simples do sertão, de reproduzir a complexidade da alma e da natureza do ser humano. Rosa dava aos seus personagens, mesmo aos mais simplórios, toda a problemática da natureza humana. Sendo dessa forma, o estudo e a pesquisa da obra de Guimarães Rosa sempre será interessante e desafiador, uma vez que existem inúmeros aspectos fascinantes que podem ser abordados quando o assunto é a literatura de Guimarães Rosa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 GUIMARÃES ROSA: VIDA E OBRA NO CONTEXTO LITERÁRIO BRASILEIRO	7
2 RESUMO E CARACTERÍSTICAS DO CONTO	13
2.1 Aspectos Gerais do Livro “Primeiras Estórias”	13
2.2 Resumo do conto.....	15
3 ANÁLISE DA ESTRUTURA DO CONTO	19
3.1 Enredo	19
3.2 Personagens	21
3.3 Tempo/Espaço	21
3.4. Narrador.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS.....	24

INTRODUÇÃO

O escritor mineiro João Guimarães Rosa é, sob o ponto de vista didático e cronológico, considerado integrante do regionalismo dentro do panorama literário brasileiro, muito embora seja ao mesmo tempo sua superação ao amplificar e aprofundar as demais vertentes da ficção e poesia deste período das letras do país.

É notório para todos que se aventuram nas belíssimas páginas da obra rosiana que o autor transcende todo e qualquer limite que o enquadre didaticamente a uma determinada escola literária, na medida em que contem o local e o universal, o arcaico e mítico, o documental e o metafísico elaborados em uma linguagem de extrema musicalidade e simbolismo.

O presente estudo tem por finalidade penetrar em alguns aspectos da obra de Guimarães Rosa por meio do conto “A Terceira Margem do Rio”, publicado em 1962 no livro “Primeiras Estórias”.

Estudar e pesquisar a literatura de Rosa proporciona ao pesquisador a forte sensação da grandeza que sua obra possui. Como todo mestre, Rosa está acima de toda e qualquer classificação, pois é considerado o resumo e o ápice de seu tempo.

1 GUIMARÃES ROSA: VIDA E OBRA NO CONTEXTO LITERÁRIO BRASILEIRO

João Guimarães Rosa nasceu no dia 27.06.1908, numa pequena cidade mineira chamada Cordisburgo. É o primeiro dos sete filhos de Dona Francisca e Seu Florduardo. A casa em que a família morava estava localizada em frente a uma estação ferroviária, proporcionando a visão de partidas e chegadas constantes, o que talvez tenha dado ao jovem João a sua primeira noção do conceito de travessia, tema caro ao escritor.

Cresceu ouvindo as estórias contadas pelos freqüentadores da venda de seu pai, vendedores, fazendeiros e vaqueiros fizeram parte da vida de Rosa desde o início.

João era um menino estudioso, já demonstrando desde cedo sua vocação para as letras e seu dom para aprender idiomas. O francês, o holandês e o alemão começaram a ser estudados ainda criança, com ajuda de um frei franciscano amigo da família, ou sozinho mesmo. Ele é lembrado pelas pessoas com as quais conviveu por estar sempre lendo.

Após estudar suas primeiras letras em Belo Horizonte e em São João Del Rey, o escritor ingressa na faculdade de medicina da universidade de Minas Gerais em 1925. Casa-se com Lygia Cabral Penna em 1930. Nesta fase, o escritor passa a trabalhar como médico no interior de Minas, tendo contato com moradores da roça, ciganos e vaqueiros, inspiração de seus primeiros textos e de inúmeros outros posteriores. Segundo sua filha Vilma *“papai galopava às vezes a noite inteira, para atender os clientes. Seu grande desespero, contudo, era impossibilidade de salvar alguns doentes. Ficava deprimido e profundamente angustiado”*, (1983, p 54 apud *Cadernos de Literatura Brasileira Guimarães Rosa*, 2006, p.14).

Em 1934 começa a demonstrar para amigos seu interesse para a carreira diplomática, já meio frustrado pela medicina: “ Não nasci para isso” (*Cadernos de Literatura Brasileira Guimarães Rosa, 2006, p. 14*).

Em julho presta concurso para o Itamarati, no Rio de Janeiro, sendo aprovado em segundo lugar. Obtém as melhores notas em matérias jurídicas, estudando por conta própria nas madrugadas em Minas. Seus profundos conhecimentos em outros idiomas, arte, geografia, antropologia e lingüística foram decisivos para o êxito de sua empreitada. Em julho de 1934 é nomeado cônsul de terceira classe, ingressando, portanto, na carreira diplomática.

No ano de 1936 escreve o livro de poesias “Magma”, inscrevendo-o no Concurso Literário da Academia Brasileira de Letras, ganhando o primeiro lugar. Guimarães Rosa tinha o objetivo de publicar a obra, o que só foi ocorrer postumamente, em 1997.

A gênese da obra “Sagarana”, publicada em 1946, nasceu bem antes, em 1937, quando Rosa escreveu o volume “Contos” sob o pseudônimo de “Viator”, concorrendo ao prêmio Humberto de Campos promovido pela livraria José Olympio Editora, ficando em segundo lugar. Durante a sua estada em Hamburgo, na Alemanha, o livro foi reformulado, dando origem a Sagarana.

Permanece na Alemanha por quatro anos, de 1938 a 1942. Em Hamburgo, o autor conhece a senhora Aracy Moebius de Carvalho, funcionária do Consulado, que virá a ser a sua segunda esposa. O diário que Rosa mantém em Hamburgo permite-nos conhecer com detalhes os apuros passados por lá durante os bombardeios que a cidade sofreu na segunda guerra. A tensão no Consulado é grande, onde há inúmeras solicitações de vistos para Brasil.

Guimarães Rosa e a Dona Aracy ajudaram diversos judeus a escapar das perseguições nazistas, auxiliando-os a fugir da Alemanha, o que rendeu a Dona Aracy homenagens posteriores da comunidade judaica (*Cadernos de Literatura Brasileira Guimarães Rosa, 2006, p. 18*).

Rosa volta para o Brasil e em seguida é enviado para a embaixada brasileira em Bogotá, na Colômbia, onde permaneceu por dois anos.

De volta ao Rio de Janeiro, o escritor finaliza o livro de contos “Sagarana”, extraído do volume que havia concorrido ao Prêmio em 1937. Certos contos são suprimidos, outros são rebatizados e os demais são dispostos em outra ordem. É, de fato, sua estréia no universo literário brasileiro, na medida em que foi o primeiro

livro efetivamente publicado. Causou impacto com textos como “A hora e vez de Augusto Matraga”, “O Burrinho Pedrês”, entre outros.

Nesse período o autor visita a sua terra natal, trazendo de lá inúmeras anotações e registros de tudo que via, ouvia e imaginava. Nada passava despercebido por Guimarães Rosa, seus passeios na região serviram para a busca de um valioso material para as suas obras futuras, que ansiavam por nascer. Como bem observou Haroldo de Campos, referindo-se a uma conversa tida com o escritor mineiro, “o Rosa é como uma ostra”, pegando as diversas influências adquiridas em suas leituras e viagens, mastigando tudo e produzindo o texto (*Cadernos de Literatura Brasileira* Guimarães Rosa, 2006, p. 45).

Eu procuro captar o fato, o momento – como no cinema! -, para colocar o leitor dentro da trama. O leitor precisa conviver com os personagens. Mas, para captar este momento é preciso que o autor esteja no momento. Por isso eu tenho meus caderninhos que me acompanham em todas as minhas viagens. Eu amarro um lápis com duas pontas e, no sertão, até em cima do cavalo eu escrevo. É o momento. Um passarinho faz um movimento – eu capto o movimento. Na hora, e o escrevo como o vejo. Mas só naquele momento eu poderia registrá-lo. Jamais poderia guardá-lo na cabeça para dali para algumas horas ir me inspirar nele para compor. Não. Não teria valor. (GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 14).

É curioso observar que, muito embora Guimarães Rosa tenha conhecido diversos países, profissionalmente ou a passeio, estudado e aprendido vários idiomas, é no sertão mineiro, divisa com Bahia e Goiás, que o autor elabora a maioria absoluta de seus textos, ambienta suas histórias, universalizando e transcendendo o sertão.

Transferido para Paris em 1948, fica encantado com a “Cidade Luz”, relatando em seus diários detalhadamente o seu cotidiano na França, suas visitas às igrejas, museus, viagens pela Itália e pela França. Observa Rosa que “a cultura aqui é coisa ponderável, real, e a gente a sorve, a todo instante” (GUIMARÃES ROSA 2006, p. 25).

Entre 1948 e 1951, o escritor adquiriu mais uma paixão, a “paixão dos 40 anos”: a Itália. Fez algumas viagens a diversas cidades italianas e ficou encantado. A carreira diplomática levou Guimarães Rosa a conhecer o mundo, visitando países e culturas das quais só dominava o idioma (GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 27).

Retorna ao Rio em março de 1951. Um ano mais tarde Rosa inicia uma expedição ao sertão; com seu caderninho para tomar notas de tudo e de todos, o

escritor vai ao encontro de seu universo: “já ando nos preparativos arrumando mochilas, cantil, roupa caqui, pois serão 15 dias no ermo, a carne seca com farinha de mandioca e café com rapadura, sob sol, poeira, lama e chuva” (GUIMARÃES ROSA 2006, p. 29). Como ajudante de vaqueiro, o escritor percorreu cerca 240 km pelos campos gerais. Aos poucos o vasto material de “Corpo de Baile” e de “Grande Sertão: Veredas” vai nascendo.

No ano de 1956, João Guimarães Rosa publica dois livros que estão até hoje entre suas principais obras, verdadeiras maravilhas em língua portuguesa. Logo em janeiro lança “Corpo de Baile” com sete novelas e mais de 800 páginas em dois volumes. Poucos meses depois, vem a público o livro “Grande Sertão: Veredas”.

Ambos os livros provocaram grande repercussão no cenário literário do país, inúmeros autores e críticos escreveram palavras elogiosas às obras e outros, entretanto, não as receberam muito bem, criticando, entre outras coisas, a “língua diferente dos padrões tradicionais e de estruturas e sintaxe extravagantes” (GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 14). De fato, como já ficara claro em Sagarana, Rosa tinha uma forma de escrever muito original e extremamente criativa, dando a cada frase um colorido e uma musicalidade ímpares em letras brasileiras, chamando a atenção também para a cadência de seus textos, o que provocou algum incômodo aos mais conservadores da língua.

Mas a legião de fãs e admiradores só fez aumentar. Clarice Lispector, por exemplo, em carta à Fernando Sabino, de dezembro de 1956, escrevendo sobre a impressão que estava tendo sobre “Grande Sertão: Veredas”, disse: “*nunca vi coisa assim! é a coisa mais linda dos últimos tempos (...) fico até aflita de tanto gostar*” (2001, p. 179 apud GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 35).

A cadeira nº 25 da Academia Brasileira de Letras torna-se vaga em setembro de 1957, com a morte de José Lins do Rego. Rosa, que já havia sido cogitado a concorrer à vaga na Academia em 1956, mas não tinha aceitado, decide dessa vez concorrer. O resultado saiu meses mais tarde, por vinte e sete votos a dez, o escritor mineiro perdeu a vaga para Afonso Arinos de Melo Franco. Cinco anos mais tarde Guimarães Rosa seria eleito para a vaga de João Neves da Fontoura, por unanimidade.

Guimarães Rosa já havia sentido que a sua saúde não ia bem desde 1957, fumante inveterado, com vida sedentária, excesso de peso e de trabalho, o escritor se vê obrigado a parar de fumar (com dificuldades e posteriores recaídas) e a fazer

uma dieta com várias restrições, objetivando controlar sérios problemas de hipertensão arterial. Sofre um enfarte em novembro de 1958.

Neste mesmo ano sai a quinta e definitiva edição de Sagarana, e o autor decide não mais alterá-la. Revisar seus textos torna-se um hábito muito forte, fazendo com ele se torturasse em busca da perfeição.

Após os grandes livros de 1956, Guimarães Rosa passa a elaborar textos menores, publicados em sua maioria em colunas literárias de periódicos. Tal característica será muito visível nos livros “Primeiras Estórias” e, principalmente, em “Tutaméia”, em que prepondera a concisão em poucas páginas de variados e complexos temas.

O autor passa a se dedicar nessa época a divulgar a sua obra em outros países, recebendo diversas propostas de tradução. Suas correspondências com seus tradutores em alemão, espanhol, italiano, inglês e francês torna-se intensa, fazendo com que ele observasse a sua obra com outros olhos. Tais correspondências objetivavam auxiliar seus diversos tradutores a traduzir os seus textos para outros idiomas. A prática de se corresponder com tais tradutores fez com que o autor refletisse de forma mais sistemática sobre sua própria criação.

Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se o estivesse ‘traduzindo’, de algum autor original, existente alhures, no mundo astral ou no ‘plano das idéias’, dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando, nessa ‘tradução’. Assim, quando me ‘re’ – traduzem para outro idioma, nunca sei, também, em casos de divergências, se não foi o tradutor quem, de fato, acertou, restabelecendo a verdade do ‘original ideal’, que eu desvirtuara (p. 99 apud GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 14).

Com boa acolhida de público e crítica, é lançado em 1962 o livro “Primeiras Estórias”, contendo vinte e um textos, quinze dos quais já publicados em periódicos, e seis inéditos. Neste volume, estão verdadeiras pérolas de nossa literatura, tais como: “A Terceira Margem do Rio”, “O espelho”, “Os Cimos”, “Famigerado”, entre outras tantas.

No ano seguinte, a cadeira nº 02 da Academia Brasileira de Letras ficará vaga com a morte João Neves da Fontoura e Guimarães Rosa, por sua vez, decide concorrer à vaga de seu falecido amigo. Em 06 de agosto de 1963 é então eleito por unanimidade para ocupar a cadeira nº 2, sua posse, porém, será adiada por quatro

anos. Talvez por medo de não suportar a emoção que sentiria por ocasião da posse, o adiamento se deu porque Rosa sabia da fragilidade de sua saúde.

Por motivos editoriais, a terceira edição de “Corpo de Baile”, de 1964, sai com a divisão da obra em três livros distintos: “Manuelzão e Miguilim”, “No Urubuquaquá, no Pinhém” e “Noites do Sertão”. Com preocupação de se manter a unidade da magnífica obra, Rosa mantém “Corpo de Baile” como subtítulo, entre parênteses, em cada um dos volumes, além de ter distribuído seus textos nos três livros de maneira a agrupá-los com uma certa lógica, mantendo-se a unidade das narrativas. Mas, apesar de todo cuidado do autor, os leitores de hoje conhecem a coleção “Corpo de Baile” em três livros distintos, com a ordem primitiva das novelas alterada, o que não deixa de modificar e dificultar a percepção do sutil fio condutor que permeia todas as narrativas, unindo-as em um grandioso corpo de baile, em que as personagens aparecem e somem, lá e cá, alterando-se entre protagonistas e coadjuvantes, em todos os textos, na eterna dança da existência.

No mês de maio de 1965, Guimarães Rosa começa a publicar textos pequenos num jornal chamado “Pulso”, praticando a arte das narrativas curtas. O autor disse: “acho o conto um excelente exercício de despojamento. Cada palavra tem que ser justa como um bordado delicado” (*GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 47*).

Boa parte desses contos será reunida no livro “Tutaméia - Terceiras Estórias”, lançado em 1967, seu último livro publicado em vida.

No dia 16 de novembro de 1967, Guimarães Rosa toma posse na Academia Brasileira de Letras, tendo seu discurso começado e terminado com a palavra “Cordisburgo”, em clara referência à sua terra natal. Apenas três dias depois, na noite do dia 19, Rosa morre em sua residência no Rio de Janeiro, vítima de infarto. O que o autor escreveu sobre o seu antecessor no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras parece até uma premonição de seu próprio destino: “a gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é formula lapidar” (*GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 14*).

São lançados postumamente mais três livros: “Estas Estórias” (1969), “Ave, Palavra” (1970) e “Magma” (1997).

2 RESUMO E CARACTERÍSTICAS DO CONTO

2.1 Aspectos gerais do livro “Primeiras Estórias”

O conto "A Terceira Margem do Rio", de Guimarães Rosa, faz parte do livro "Primeiras Estórias", publicado originalmente em 1962. Obra repleta de textos sublimes, tais como "Famigerado", "Nenhum, Nenhuma", "O Espelho", "As Margens da Alegria", "Os Cimos" entre outros. O autor, ao lado de Clarice Lispector e de João Cabral de Melo Neto, está entre os maiores escritores da terceira geração do Modernismo Brasileiro.

A obra rosiana pode ser lida e vivida sob os mais variados aspectos, que vão desde a sua refinada técnica narrativa, seu verdadeiro virtuosismo e ousadia no trato com a linguagem, até a aguda análise e percepção dos diversos conflitos psicológicos de suas personagens. Trata-se, sem dúvida, de um criador de rara e prodigiosa sensibilidade.

Com formação acadêmica na área da medicina e seguidor de carreira diplomática, Rosa era dotado de admirável erudição. Dominava o português, o alemão, o francês, o inglês, espanhol, italiano, o esperanto e o russo. Era capaz de ler em sueco, holandês, latim e grego e chegou a estudar a estrutura lingüística do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituano, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do tcheco, do finlandês e do dinamarquês. Para ele, o conhecimento de diversos idiomas era útil para dominar e trabalhar com o seu próprio.

Como já foi dito anteriormente, sua obra está voltada para o sertão brasileiro e para o homem simples do campo, bem como para a problemática social, espiritual e familiar das comunidades do interior do Brasil. Grande pesquisador de campo, Rosa fez várias viagens pelo sudeste e pelo centro-oeste, realizando inúmeras

anotações, ouvindo histórias, casos e escrevendo tudo o que lhe era relevante, tanto do ponto de vista paisagístico como humano.

O escritor desenvolveu e demonstrou por toda a sua criação literária profunda preocupação espiritual. Homem supersticioso e místico, sempre respeitou as diversas facetas e manifestações da fé humana.

A galeria de personagens rosiana tem em "Primeiras Histórias" sua mais exemplar demonstração de variedade e, paradoxalmente, unidade, pois existem aspectos que os ligam, tais como: são seres em exceção, têm atitudes pouco comuns e surpreendentes, transgridem as regras sociais, possuem anormalidades físico-psíquicas etc. No entender de Paulo Rónai, nos protagonistas do escritor a intuição e o devaneio substituem o raciocínio, as palavras ecoam mais fundo, os gestos e atos mais simples se substanciam em símbolos.

A sabedoria é saber e prudência que nasce do coração. Minhas personagens, que são sempre um pouco de mim mesmo, um pouco muito, não devem ser, não podem ser intelectuais, pois isso diminuiria sua humanidade (GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 89).

É importante que se diga que nas "Primeiras Histórias", assim como nas novelas de "Sagarana", apesar da multiplicidade de contextos e de situações, há uma forte e indubitável unidade que permeia todos os textos. As narrativas do livro são, quase todas, marcadas por ações estranhas, anormais ou alucadas, resvalando sempre numa interpretação tendente ao irreal, ao irracional, ao mágico, ao mitopoético.

A galeria de Rosa é repleta de marginalizados e de criaturas excluídas, miseráveis ou débeis mentais, frutos do subdesenvolvimento e da incomunicabilidade que os permeia. Há, também, um grande número de crianças, dotadas de exacerbadas sensibilidades, quase sempre não compreendidas. Essa falta de compreensão e de comunicação por parte do meio não retira a coerência dos tipos que preenchem o livro, já que possuem uma vontade própria, bem como têm convicção de suas atitudes.

2.2 RESUMO DO CONTO

A "Terceira Margem do Rio" é narrado em 1ª pessoa, por um personagem que conta um episódio marcante para ele e para a sua família. O autor não dá nomes aos personagens da narrativa, que são chamados simplesmente pelo filho-narrador de "nosso pai", "nossa mãe", "minha irmã" e "meu irmão". A idéia e a concepção da transcendência está em todos os lugares, nos menores detalhes.

O pai é descrito pelo narrador como um "homem cumpridor, ordeiro, positivo desde menino", nem "mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos". Somente quieto, muito quieto. Até que, de repente, ele manda fazer uma canoa, especial, forte e de preparado material, "para durar uns 20 ou 30 anos na água". Enquanto a canoa era confeccionada, o pai "nada não dizia". A esposa, quem comandava a casa e a família, passou a se preocupar com as atitudes do marido, apreensiva de antemão pelo que ainda não tinha acontecido, mas que já parecia decidido.

Moravam perto do rio, "obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira". E quando a canoa ficou pronta, "sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente". Sem fazer recomendações, sem proferir discursos ou dar conselhos, o homem não pegou sequer roupas ou mantimentos.

Momento em que "nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou - 'cê vai, ocê fique, você nunca volte! '". O texto é repleto de oralidade e as expressões foram construídas de modo a formar uma cadência musical muito marcante, que é outra característica da obra de Guimarães Rosa.

O pai, com um aceno, quis saber se o filho-narrador iria com ele, mas terminou por desistir de levá-lo ao notar o medo do rapaz. Essa foi a primeira oportunidade perdida. Desamarrada a canoa, o homem remou para a imensidão do rio e das águas, "ele não tinha ido a nenhuma parte", "só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais".

A estória de um pai que, sem motivo aparente, abandona tudo e a todos e decide viver em uma canoa é narrada pelo filho com notável perplexidade. Teria adoecido? Ficou louco? Ninguém soube explicar. Muita tinta já foi gasta para interpretar esse conto e seus significados. O certo é que houve um abandono e uma ruptura dos padrões de normalidade, das regras e normas vigentes, em nome de uma missão. A viagem marca a categoria do diferente, que chocou a sociedade local, família, amigos e conhecidos. Certamente, o despojamento da matéria parece demasiado incompreensível para os que não fizeram a travessia.

O narrador relata um verdadeiro arquétipo de um eremita. O homem no processo de animalização, de volta ao essencial, às suas origens. A solidão em franca comunicação com a liberdade.

O pai resistiu a todas as formas de aproximação ou abordagem: família, parentes, polícia, padre, imprensa, reza. Após sua partida, ninguém consegue ultrapassar as margens do rio. Apesar de o genitor encontrar-se em uma posição de possível alcance, ninguém foi capaz de chegar até ele e esse fato é muito representativo. Para se chegar até ele era necessário fazer a travessia.

Um dos elementos mais recorrentes na ficção rosiana, a travessia é tida como verdadeira alegoria do viver, tema também explorado no magnífico "Grande Sertão: Veredas", num processo de despertar e de autoconhecimento. A travessia traz, portanto, toda a simbologia da existência humana.

A sede de transcendência do pai encontra nas águas do rio sua máxima representação. O ato de habitar o rio representa o ato de viver o imprevisto, de conhecer o desconhecido, de criar outra margem. Nesse conto misterioso de Rosa o mistério não é para ser revelado, servindo mais para gerar outros mistérios. Após o impacto inicial, a vida de todos começa, aos poucos, a voltar ao normal. Com o tempo, o irmão, a irmã e a mãe se mudam e apenas o filho-narrador permanece, como que magnetizado pela sina de seu pai, tentando inutilmente compreender algo que estava muito acima de suas forças.

O filho depositava mantimentos e algumas roupas num local determinado, a beira do rio, "a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho", mas o pai quase não tocava nessas coisas, pegando um "quase nada" para viver. A escolha pela terceira margem sugere a idéia de superação, de transcendência, de resolução de um conflito. O espaço escolhido pelo pai denota não mais o uno e o absoluto ou a bipolaridade, mas o momento terceiro, em que as contradições e os opostos estão

reunidos. É o apogeu do processo dialético, onde o indivíduo parte da margem para a terceira margem.

Fica claro na narrativa o contraste entre o modo de viver do viajante e o senso comum da coletividade. O próprio narrador não era capaz de entender tamanha força: "o severo que era, de não entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiro, calor, sereno (...) só com o chapéu na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos". O homem não pisou mais em chão nem em capim.

Percebendo que ele próprio já estava envelhecendo, com os cabelos bem grisalhos, o filho-narrador teve então uma revelação: decidiu propor ao pai, já muito idoso, que houvesse uma troca de lugares entre os dois. Foi até a beira do rio e acenou com um lenço, até que o homem apareceu ao longe, o vulto. Instante em que grita: "pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... agora, o senhor vem, não carece mais... o senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas as vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!".

Seu pai escutou e, de onde estava, aquiesceu, pois manejou lentamente o remo na água e vinha na direção de seu filho que, por sua vez, demonstrou nova fraqueza e fugiu, em pânico, sem coragem para assumir o posto do pai. O autor estampa suas dicotomias: medo e coragem, conservadorismo e ousadia.

Ao se negar o desafio, o narrador condena-se a uma existência rasteira, quotidiana, medíocre. Termina por lamentar a sua condição, evidenciando o profundo contraste entre ele e seu pai, exemplo de vitalidade e de força. Preferiu ficar em seu porto seguro, no comum, nos padrões. Nem todos chegam à terceira margem.

Após esse acontecimento o pai nunca mais apareceu e o narrador confessa: "sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento?" O universo metafísico, essencial, profundo, além da rasa existência terrena era, para ele, algo inatingível, pelo menos em vida.

Assumindo a pequenez, o filho pede que, na sua morte, seu corpo seja colocado numa canoa para vagar rio afora: "no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio afora, rio a dentro - o rio". A postura solitária do pai serve para evidenciar que certas experiências são inenarráveis, não compartilháveis, exigindo a solidão. Assim como as grandes travessias.

O rio, metáfora universal da vida e do seu curso, é sempre associado à noção de travessia, de heróica dominação, pela força ou pela sabedoria e resignação. A vida é uma travessia arriscada e fascinante, que amedronta. "Viver é muito perigoso", disse Riobaldo. "Carece de ter coragem", respondeu-lhe Diadorim, personagens de "Grande Sertão: Veredas"

O crocodilo vem ao mundo como um magister da metafísica, pois para ele cada rio é um oceano, um mar da sabedoria (...). Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muitos vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como os sofrimentos dos homens. Amo ainda mais uma coisa dos nossos grandes rios: sua eternidade, segundo Lorenz (1994 apud GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 92).

3 ANÁLISE DA ESTRUTURA DO CONTO

Uma narrativa de ficção tem como estrutura, de acordo com Cândida Vilares Gancho, os seguintes elementos: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. O texto “A Terceira Margem do Rio” está inserido na categoria literária “conto”, ou seja, uma narrativa mais curta, que se caracteriza por representar, de forma condensada, uma rápida passagem, sem, no caso de Guimarães Rosa, perder a complexidade e a profundidade do texto. O autor possui a capacidade de explorar em pequenos textos uma gama enorme de situações de maneira não superficial. Como nos disse Walnice Nogueira Galvão, “*Na obra roseana, enquanto espaço e linguagem permanece constante, os enredos mostram variadíssimos*” (GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 157)

3.1 Enredo

Num dos prefácios do livro Tutaméia, Guimarães Rosa deu algumas indicações de seu processo de criação, “*as histórias que apanho diferem entre si no modo de surgir (...) a Terceira Margem do Rio veio-me na rua em inspiração pronta e brusca, tão ‘de fora’ que instintivamente levantei as mãos para ‘pegá-la’, como se fosse uma bola vindo ao gol e eu o goleiro*” (GUIMARÃES ROSA, 2001, p. 79).

O tema da travessia sempre esteve presente na obra do escritor e o conto em tela tem como enredo a história de um homem que, sem nenhuma motivação aparente, manda fabricar uma canoa e nela se instala indefinidamente para um “não lugar”, extremamente próximo e inexoravelmente distante de sua antiga casa e de sua família e, por que não dizer, de sua anterior existência. A travessia, ou

passagem, extraordinária desta personagem é contada em meras três ou quatro páginas, ricas de significados, metáforas e interpretações.

No entender de David Treece, a terceira margem do rio é onde os destinos, as relações, as identidades e as palavras se encontram, todos num estado permanente de fluxo, numa pacata e frenética aventura pelo indeterminado e pela levada do rio (CHIAPPINI; VEJMEKA, 2008, p. 26).

A prosa de Rosa sempre objetivou captar a experiência humana mantendo-se fiel ao seu irredutível mistério. A metáfora mais adequada à experiência e ao mistério acha-se registrada na seguinte passagem do conto “o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre”, tal como a alma do homem.

O conto se desenrola sob o enfoque do narrador personagem, o filho, que é o responsável por transmitir e tentar compreender a atitude de seu pai. Ao longo do texto os demais personagens vão tomando o seu rumo, só restando, ao final, o pai e o filho.

De acordo com Lorenzo Papette, “*o pai liga-se à água e por meio desta passa para a outra margem, transformando-se em mistério e, no final, torna-se um estranho abandonado por todos os outros que não podem ficar a espera de algo que não compreendem de quem deixaram de compreendê-lo*” (CHIAPPINI; VEJMEKA, 2008, p. 327).

A espera do filho, no entanto, é muito mais de si mesmo e da sua própria decisão do que do pai, de quem sente que teria de assumir a herança espiritual. Durante todos os anos o filho busca a identidade desconhecida.

Ao final da narrativa, o narrador propõe a troca de posição com o seu pai, assumindo, pois, seu posto na canoa, o que foi aparentemente aceito. Antes de chegar o instante da troca, no entanto, o filho foge e desiste de penetrar no mistério. Mesmo com todo o seu questionamento, percebe-se que jamais haverá a plena compreensão e o destino do narrador ficará preso na mesma margem de sempre, só que em desequilíbrio, com medo, infeliz e em remorso. Possui plena consciência de seu falimento.

Tal como um condenado, o narrador pede ao final um derradeiro desejo: o de ser posto, depois de sua morte, em uma canoa pequena e deixado ir no rio. Haja vista a sua impossibilidade de entregar a alma entregou o corpo e essa foi a sua principal conquista. Muito embora tenha feito um percurso diferente, houve por fim, o tardio encontro com a terceira margem.

3.2 Personagens

No conto em análise os personagens não são nominados, sendo citados pelo narrador personagem, igualmente sem nome, apenas e tão-somente na posição que ocupam na estória.

Dessa forma, percebe-se que o narrador lança mão de palavras como: pai, mãe, irmã, irmão, tio, jornalistas, mestre, padre e soldados, designando os personagens como tipos sociais de acordo com suas funções no texto. Tal recurso lingüístico pode ser interpretado como uma indicação de que a estória poderia ocorrer com qualquer pessoal e não apenas com o narrador do conto, ela transcende as nominações.

O filho – personagem – narrador qualifica seu pai como homem cumpridor, ordeiro, positivo, sério. Segundo ele, seu pai não seria nem mais estúrdio, ou seja, esquisito, incomum, nem mais triste do que outros “conhecidos nossos”, somente quieto. O narrador diz também que: “nossa mãe era quem regia e que ralhava no diário com a gente”.

O filho busca passar ao leitor a imagem de um pai normal, um homem como qualquer outro, mas, no entanto, seu pai entra na categoria do diferente, o que choca o senso comum e o faz entrar no mundo de seres de exceção, seres esses que predominam entre os personagens do livro “Primeiras Estórias”.

Mas o narrador não admitia a loucura do pai: *“na nossa casa a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos”*.

3.3 Tempo/Espaço

Do ponto de vista de narração “A Terceira Margem do Rio” percorre muitos anos, desde a partida do pai até o seu envelhecimento, juntamente com o narrador, e a frustrada tentativa de troca de papeis.

Quanto à época em que os fatos acontecem, não é possível precisá-la. No que diz respeito ao espaço, nota-se que é um vilarejo pequeno que ficava na beira

de um grande rio, no instante da partida do pai a casa da família ficava bem próximo a ele, “obra que nem um quarto de légua”. A irmã casou-se e foi morar em uma cidade, local para onde a mãe também se dirigiu para morar com a filha. O irmão fez o mesmo e mudou-se também.

O que predomina no conto, além da paisagem rural do interior do Brasil, é a forte, maciça e marcante presença do rio, que permeia todo o texto, num espaço que beira a magia, no incessante ir e vir do rio e da vida.

3.4. Narrador

O conto é narrado em primeira pessoa pelo filho, narrador personagem também inserido na estória, que é o responsável por contar a misteriosa saga de seu pai.

O texto é muito intenso, apesar de ser tão curto. Nele, o filho tenta compreender a atitude de seu pai, passando, para tanto, anos seguidos na beira do rio buscando a compreensão, mas sem jamais sair de sua margem.

Ele percebia, entretanto, que o rio, que se estendia perto de sua casa, “grande, fundo, calado que sempre”, era para ele inacessível. No fim, além de nunca ter realmente entendido a mensagem e a atitude do pai, não conseguindo realizar a troca de lugar com ele o narrador pede perdão e, amargurado, tem ciência de que a terceira margem do rio e a sua profundidade não eram para ele, condenado a viver “nos rasos do mundo”.

A dramaticidade da narrativa reside na conflituosidade nela exposta. De um lado o filho narrador, que ainda precisa das margens clássicas para poder se orientar, do outro, o pai que alcançou a terceira margem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de João Guimarães Rosa tem a capacidade de motivar o surgimento de diversos pontos de vista sobre o mesmo tema, no caso em questão, a travessia. Isso ocorre por que o escritor jamais ficou preso a uma determinada escola ou estilo literário, proporcionando uma enorme variedade de significados e de estudos que seus textos motivaram, levando-se em conta suas características universais e transcendentais.

O texto aqui escolhido para servir de base ao presente estudo é, também, repleto de misteriosas interpretações e sondagens, a começar pelo título, bastante provocativo. Afinal, só existe mesmo o óbvio? O rio tem somente as duas tradicionais margens?

Muito já foi escrito sobre “A terceira Margem do Rio” e este trabalho não tem a pretensão de esgotar o tema. Aspectos filosóficos, teológicos, psicanalíticos, sociológicos, lingüísticos, artísticos ou literários já foram abordados com a finalidade de analisar e elucidar o conto. As veredas de Rosa são múltiplas, o que possibilita inúmeras leituras e enfoques diferentes.

O texto do escritor mineiro não busca decifrar os enigmas e sim alimentá-los, na constante procura de ambigüidade e de outras variadas perspectivas.

Como nos ensina a professora Lélia Parreira Duarte, Guimarães Rosa é um *“desbravador que trata a língua como um organismo vivo, com as suas virtualidades e as suas margens terceiras, pois, uma das mais marcantes características da obra de Guimarães Rosa é a sua negação das dicotomias, nela não se separam nitidamente extremos, apontando-se a insustentabilidade da diferença entre o bem e o mal”*

REFERÊNCIAS

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, Edição especial 21 e 22, São Paulo, Instituto Moreira Salles. 2006

CASTRO, D.A. **Primeiras Estórias**. Guimarães Rosa: Roteiro de Leitura. São Paulo. Ática. 1993.

GALVÃO, W.N. Guimarães Rosa (Coleção Folha Explica). São Paulo. 2000.

GANCHO, C.V. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo. Ática. 2002.

LIGIA, C; MARCEL, V. **Espaços e Caminhos de João Guimarães Rosa Dimensões regionais e Universalidade**. 1. Ed, Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2009.

ROSA, J. G. **Grande Sertão**: Veredas. 19. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, J. G. **Primeiras Estórias**. 15. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, J. G. **Tutaméia** (Terceiras Estórias). 8. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.